

O regime salazarista revisto por Saramago em *O ano da morte de Ricardo Reis*

Maria Elena Pinheiro Maia
Universidade Estadual Paulista – Araraquara

O ano de 1936 será reconstruído parodicamente por Saramago em *O ano da morte de Ricardo Reis* através de duas versões que se contrastam: de um lado as notícias dos jornais, panfletos, livros, filmes que reproduzem o discurso salazarista, enfim a História oficial; em contrapartida temos a outra história, a visão que o narrador realmente deseja tirar do anonimato: a angústia do povo oprimido pela ditadura, que a voz de Lídia transmite, e por acontecimentos como o bodo, a peregrinação a Fátima, as arbitrariedades da PVDE, o bombardeio do navio de guerra Afonso de Albuquerque e o conseqüente fracasso da rebelião dos marinheiros, fatos que justificam o silêncio abafador que pesa sobre Lisboa. E essa maneira sensível e humana com que ele volta ao passado conduz-nos a uma reflexão sobre temas atuais e eternos: a opressão imposta por um poder político, a integridade do ser humano, o relacionamento com o outro, a força da arte e da utopia.

Considerando o contexto histórico de Portugal de 1936, analisaremos a figura de Salazar apoiada nos conceitos desenvolvidos por Ernst Cassirer em *O Mito do Estado*, pois é mediante a desconstrução desse mito político que Saramago deixa transparecer seu compromisso ideológico.

Por trás da palavra mito encontramos uma quantidade variada de idéias. Recorrendo ao Aurélio poderíamos retirar duas de suas definições que nos interessam aqui: 1) “Narrativa de significação simbólica, geralmente ligada à cosmogonia, e referente a deuses

encarnados das forças da natureza”; e 2) “Representação de fatos ou personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição, etc. Pessoa ou fato assim representado ou concebido”.

A partir dos elementos míticos que se oferecem ao leitor de *O ano da morte*, poderíamos nos deter rapidamente nessas duas definições, as quais ficariam mais nítidas se as aproximássemos de conceitos desenvolvidos por alguns autores que se dedicaram ao estudo dos mitos. Em “Mitológica do tempo presente”, Clémence Ramnoux¹ refere-se a essas duas concepções de mito destacadas do dicionário. A autora remete a Lévi-Strauss para quem, diz ela, “o mito constituiria uma espécie de ponte”, fornecendo o que ele chamou de “um instrumento lógico” e, continua Ramnoux, “permitindo ‘mediatizar’ uma problemática de cultura diante da qual o homem não possui a ciência suficiente para uma resolução racional”. Esta idéia é assim tratada pela autora:

os combates entre deuses ou as guerras entre Potências fornecem aos homens uma fábula para explicar, aliviar senão superar as desgraças nascidas das contradições de suas instituições, os embaraços aparecidos no campo das forças que se defrontam ou o sofrimento provocado pela não adaptação das exigências culturais às condições naturais.²

Parece-nos que temos aqui uma explicação para a presença do *mítico* em *O ano da morte*, o que nos faz lembrar que, como tantos escritores, Saramago também é possuído pelos mitos que relata, também possui a aptidão de “pensar ‘miticamente’ numa era que tem aspirado, desde os dias de Sócrates, a pensar racionalmente”.³

Barthes explica em *Mitologias* o nascimento dos mitos políticos a partir da teoria segundo a qual o mito transforma a história em ideologia, passando de instrumento do pensamento primitivo a instrumento de demagogia política, fazendo passar por natural

¹ RAMNOUX, 1977. p. 25.

² RAMNOUX, 1977. p. 24.

³ RUTHVEN, 1997. p. 93.

aquilo que é ideológico, pois as intenções do mito não estão ocultas, mas *naturalizadas*.

Tanto na sociedade primitiva como na moderna o mito surge quando o homem precisa enfrentar situações perigosas e de resultados imprevisíveis, os quais estão fora de seu controle. Essa força miraculosa surge para ajudá-lo a superar o caos em que se encontra, colocar ordem no seu microcosmo. Desorientado, o homem sente premente necessidade de apoiar-se num líder, de ter alguém que o oriente, que solucione os problemas com os quais ele não é capaz de conviver. Como diz Cassirer:

A necessidade de liderança só se faz sentir quando um desejo coletivo atingiu uma força avassaladora e quando, por outro lado, falharam todas as esperanças de satisfazer esses desejos pelos meios ordinários. Nessas alturas o desejo não é apenas profundamente sentido, mas também personificado. Apresenta-se perante os olhos do homem de forma concreta, plástica e individual. A intensidade do desejo coletivo é personificada no chefe. Os velhos laços sociais – direito, justiça e constituições – são declarados como sendo sem valor. O que fica é apenas o poder e a autoridade mística do líder e a sua vontade é a suprema lei.⁴

Tentaremos fazer uma síntese da trajetória política de Salazar. Quais foram os fatores que favoreceram a sua ascensão ao poder, que estratégias foram utilizadas para garantir a sua permanência durante tanto tempo e finalmente a sua queda, a sua desmitificação.

Os integralistas, insatisfeitos com os rumos políticos tomados pelo país, chegaram ao poder em 1926 e, em 1932 Salazar, por possuir as características do *líder* de que a classe dominante precisava, foi nomeado presidente do Conselho de Ministros. Salazar era católico, conservador, possuía uma grande capacidade de organização e trabalho, dominava com extraordinária destreza o idioma e afirmava com convicção sua intenção de *salvar* o país, indo ao encontro do espírito messiânico bem ao gosto português. Obtendo plenos poderes administrativos, estabeleceu o corporativismo cujos pontos básicos

⁴ CASSIRER, 1976. p. 298-299.

eram: a eliminação da luta de classes, no plano político-ideológico, e o fortalecimento monopolista, no plano econômico. Observemos a passagem na qual Reis pergunta a Pessoa quem é Salazar:

Diga-me Fernando, quem é, que é este Salazar que nos calhou em sorte, É o ditador português, o protector, o pai, o professor, o poder manso, um quarto de sacristão, um quarto de sibila, um quarto de Sebastião, um quarto de Sidônio, o mais apropriado possível aos nossos hábitos e índole.⁵

Após a Proclamação da República a 5 de outubro de 1910, Portugal deparou-se com graves conflitos sociais e econômicos: greves operárias, falência da situação monetária, inflação, aumento da dívida interna e externa, entre outros, passando de 1910 a 1926 por quarenta e cinco governos e cento e noventa e três ministros. Diante dessa instabilidade político-econômico-social, sem o apoio da burguesia, preocupada por não conseguir conduzir a bom termo seus interesses, e da Igreja, que se sentia ameaçada pelos atos promulgados pela República, Portugal criara um ambiente propício ao surgimento de um golpe militar.

Instaurou-se, então, um regime de disciplina e obediência profundamente anticomunista e católico, apoiado na burguesia que almejava a ordem, visto que o progresso só era possível em clima de estabilidade social e política. O texto abaixo de Maria Lúcia de Almeida Paschkes fala-nos de como Salazar alcançou esta *estabilidade*, esta tão desejada *paz*:

Quanto ao sindicalismo corporativo, a sua implantação naturalmente guiava-se pela ilusão de alcançar um sistema onde não existisse o enfrentamento dos interesses antagônicos. Apesar da tentativa do fascismo de monopolizar também as classes trabalhadoras, as disparidades do salário mínimo entre os diferentes ramos da atividade econômica, as diferentes regiões, profissões e categorias profissionais, além da contribuição compulsória aos sindicatos nacionais, permitiu a unidade invisível entre os assalariados. A pobreza

⁵ SARAMAGO, 1988. p. 278.

é que foi totalizante. Na prática, porém, o sindicalismo do Estado salazarista coibia e eliminava a combatividade dos trabalhadores em favor do patronato português através da violência implacável da PIDE (expert em torturas, desaparecimento, além de praticar toda sorte de desrespeito à vida humana, como o abandono à doença dos muitos portugueses que passaram pelas celas do Tarrafal).⁶

Foi assim que Salazar, apoiado pelos capitalistas, latifundiários e notáveis da hierarquia católica, exerceu a chefia do governo durante trinta e seis anos até que a doença o inutilizou em 1968. A proibição de oposição organizada, o controle da imprensa, que apenas podia publicar idéias e opiniões que lhe eram favoráveis, e sua forte personalidade explicam sua longa permanência no governo. Embora tenha realizado marcantes obras públicas – rede de estradas, repovoamento florestal, barragens hidroelétricas, as pontes sobre o Douro e o Tejo, A Biblioteca Nacional, entre outras benfeitorias – sua política opressora e arbitrária sacrificou por longo tempo o povo português. Ao retomar esse mito, Saramago tem por objetivo refletir sobre esse passado opressor e reavaliá-lo com olhos críticos, na esperança de que nunca volte a acontecer.

Após a Primeira Grande Guerra Mundial os conflitos sociais e as crises econômicas aumentaram, pois mesmo as nações vitoriosas compreenderam que a guerra não solucionara seus mais cruciantes problemas. O regime democrático era instável, ineficaz e sem autoridade. Em 1932 o número de desempregados do mundo ocidental chegava a 30 milhões. A ameaça de uma revolução comunista levou os setores mais altos da burguesia a apoiarem regimes autoritários que garantissem a ordem. Considerando dessa maneira, podemos entender o surgimento, a ascensão e o poder de líderes como Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, Vargas e tantos outros.

Salazar foi apoiado pelos fascistas espanhóis e os apoiou por sua vez, já que via com desconfiança as possíveis conseqüências políticas de um regime democrático nas fronteiras do país. Aproximou-se igualmente da Itália fascista e da Alemanha nazista,

⁶ PASCHKES, 1985. p. 86-87.

por afinidades ideológicas e de prática política, tendo Hitler como um líder ideal.

A ideologia nazista tinha como suporte a crença na superioridade da raça alemã, na subordinação do indivíduo ao Estado, na idolatria ao chefe, na união de todas as classes sociais para trabalhar pela grandeza da pátria. Atentemos para o diálogo abaixo entre Reis e Pessoa no qual este deixa perceber sua ironia em relação ao líder nazista:

Quando Hitler fala é como se a abóboda de um templo se fechasse sobre a cabeça do povo alemão, Caramba, muito poético, Mas isto nada vale em comparação com as palavras de Baldur Von Schirach, Quem é esse Von Schirach, não me lembro, É o chefe da Juventude do Reich, Que foi que ele disse, Hitler, Presente de Deus à Alemanha, foi o homem providencial, o culto por ele está acima das divisões confessionais, Essa não lembrava ao diabo, o culto por homem a unir o que o culto de Deus dividiu, (...), portanto temos aqui um deus a agir como intermediário doutro deus para os seus próprios fins, o Filho como árbitro e juiz da autoridade do Pai, afinal o nacional – socialismo é uma religiosíssima empresa.⁷

Para atrair o total apoio da massa popular, os regimes autoritários valeram-se de uma propaganda hábil e convincente onde esses novos líderes surgiam como *salvadores da pátria*. Goebbels, o temível ministro da Propaganda (1933) do 3º Reich, o homem que inventou o culto ao fúher e glamorizou o nazismo, tinha consciência do poder da palavra, da sua força mítica, da eficácia obtida através da repetição de slogans que enalteciam o chefe (o Duce – o Fúher), da utilização de símbolos (como a suástica) e de outros mecanismos psicológicos de persuasão. Como nos comprova Cassirer:

Os nossos políticos modernos sabem muito bem que as grandes massas se movem mais facilmente pela força da imaginação do que pela força física. E fizeram amplo uso desse conhecimento. O político tornou-se uma espécie de adivinho. A profecia é um elemento essencial na nova técnica de domínio.⁸

⁷ SARAMAGO, 1988. p. 280-281.

⁸ CASSIRER, 1976. p. 307.

Wilfred von Oven, ex-assessor de Goebbels, comenta o sucesso quase hipnótico da propaganda de seu ex-chefe. Segundo ele,⁹ Goebbels promoveu uma reviravolta nos conceitos de propaganda política, levando milhões de alemães a aderirem à ideologia nazista à custa da repetição de suas idéias até a exaustão. Desenvolvera uma oratória fascinante e possuía uma grande percepção do que as massas desejavam ouvir para se lançar de corpo e alma aos ideais do Führer. Além disso o governo lhe conferia o poder de controlar imprensa, rádio, teatro, literatura, música, artes plásticas, enfim tudo que pudesse ser usado com a finalidade de projetar a imagem do governo que se fazia necessária.

E foi com o emprego constante desses recursos, dessa manipulação ideológica dos sentimentos humanos, que Adolfo Hitler conseguiu manter as multidões em contínuo estado de exaltação e até mesmo conduzi-las ao delírio. Vejamos o comentário abaixo de Raphael Patai:

Sejam quais forem as origens de um mito, quer remontem as suas raízes à indistinta antigüidade, quer se deva o seu aparecimento à fabricação de um único indivíduo em nosso tempo, o poder que ele pode alcançar sobre os sentimentos, pensamentos e atos de grandes grupos de homens é assustador. O melhor exemplo para ilustrar essa observação geral talvez seja o mito nazista do Terceiro Reich de Hitler.¹⁰

O narrador deixa transparecer sua indignação diante desse fanatismo a que chegou o povo alemão:

Queremos ver o Führer, Führer sê bom, Führer aparece, gritando até enlouquecer, [...] até que o Führer vem à janela, então o delírio rebenta os últimos diques, a multidão é um grito só, Heil, assim vale a pena, quem me dera ser alemão.¹¹

O mesmo aconteceu em Portugal. Foi através da propaganda ideológica salazarista, expressa pelos meios de comunicação de massa,

⁹ PALÁCIOS e PAOLI, 1997. p. 15.

¹⁰ PATAI, 1974. p. 99.

¹¹ SARAMAGO, 1988. p. 261.

da literatura panfletária e até mesmo da arte cinética e de organizações como a PIDE (Política Interna de Defesa do Estado), a PVDE (Política de Vigilância e Defesa do Estado), a OMEM (Obras das Mães pela Educação Nacional), da criação da Mocidade Portuguesa salazarista, à imitação da nazista e da fascista e da Legião Portuguesa, que o *sábio ditador* manobrou a vida social e individual do povo durante esse longo período. A maioria acreditava no que ouvia convencendo-se de que o governo ditatorial era o legítimo defensor dos interesses da nação, pois sem acesso a outras informações que lhe pudessem trazer uma visão mais real do contexto em que vivia, deixava-se conduzir pela propaganda mistificadora da classe dominante.

Fernando Pessoa procura mostrar a Reis a sua visão mais crítica de homem vivido e experiente, instigando Reis a ler com menos ingenuidade os jornais, alertando-o de que as notícias aí publicadas são manipuladas pela política salazarista, são artigos de encomenda:

mas, voltando ao Salazar, quem diz muito bem dele é a imprensa estrangeira, Ora, são artigos encomendados pela propaganda, pagos com o dinheiro do contribuinte, lembro-me de ouvir dizer, Mas olhe que a imprensa de cá também se derrete em louvações, pega-se num jornal e fica-se logo a saber que este povo português é o mais próspero e feliz da terra, ou está para muito breve, e que as outras nações só terão a ganhar se aprenderem conosco, O vento sopra desse lado, Pelo que lhe estou a ouvir, você não acredita muito nos jornais, (...) ¹²

Fernando Pessoa sente uma certa amargura de ter percebido essa realidade no momento em que ele já não pode fazer mais nada, embora possua a autoridade e a liberdade que a morte lhe confere, pois está livre de todas as influências que um homem inserido num contexto social pode sofrer. É ele agora que vê a vida à distância, mas de modo mais crítico. A distância lhe trouxe a capacidade de desvendar o que está subjacente aos acontecimentos políticos e comportamentos humanos, desmascarando, assim, as incoerências transmitidas pelos meios de comunicação. Reis estranha sua nova maneira de ver o mundo:

¹² SARAMAGO, 1988. p. 279.

Você, em vida, era menos subversivo, tanto quanto me lembro, Quando se chega a morto vemos a vida doutra maneira, e, com esta decisiva, irrespondível frase me despeço, irrespondível digo, porque estando você vivo não pode responder, (...) ¹³

Pela citação acima a morte parece ser a responsável pela mudança de atitude de Fernando Pessoa. Essa talvez tenha sido a alternativa encontrada pelo narrador para explicar qualquer incongruência entre sua personagem e o próprio Fernando Pessoa e para se isentar de qualquer acusação de desrespeito à imagem do poeta. O próprio Saramago comenta numa entrevista realizada por Jacobo Machover, ¹⁴ que o seu Fernando Pessoa é uma personagem inteiramente falsa e que não tem nada a ver com o que Fernando Pessoa pensava na verdade, pois enquanto vivo, ocultava-se permanentemente e agora como personagem torna-se um homem mais sarcástico, mais irônico que diz tudo o que pensa e que pensa tudo o que diz, como se após a morte, fosse possível as coisas serem encaradas de maneira diferente. Podemos considerar, portanto, que essa ironia é mais uma característica do próprio narrador projetada em sua personagem, permitindo que esta adote quaisquer atitudes dentro do romance, sem que seja preciso torná-las compatíveis com a vida e a obra pessoanas.

Embora essa visão crítica esteja mais acentuada agora, após a morte, Fernando Pessoa comenta com Reis que enquanto vivo já deixara transparecer, apesar de sem repercussão, o seu desagrado em relação ao regime salazarista: ¹⁵ “Você sabe que eu, um dia, fiz aí uns versos contra o Salazar, E ele, deu pela sátira, suponho que

¹³ SARAMAGO, 1988. p. 334.

¹⁴ MACHOVER, 1989. p. 62.

¹⁵ Quando em 1933 Salazar organiza o seu Estado Novo de moldes fascistas, Fernando Pessoa acolhe-o como salvador, mas aos poucos seu entusiasmo com o regime desvaneceu-se, pois o reacionarismo, as tradições antiquadas e atitudes despóticas de Salazar contrariavam seu desejo de modernidade. Ao final de sua vida o poeta era totalmente anti-salazarista.

seria sátira, Que eu saiba, não”.¹⁶ Não só os abusos políticos, mas também os da Igreja são denunciados ironicamente por Fernando Pessoa:

Eu a julgar que tinha ido longe de mais no atrevimento quando na Mensagem chamei santo a Portugal, lá está, São Portugal, e vem um príncipe da Igreja, com a sua arquiiepiscopal autoridade, e proclama que Portugal é Cristo. E Cristo é Portugal, não esqueça, Sendo assim, precisamos de saber, urgentemente, que virgem nos pariu, que diabo nos tentou, que judas nos traiu, que pregos nos crucificaram, que túmulo nos esconde, que ressurreição nos espera. Esqueceu-se dos milagres. Quer você milagre maior que este simples facto de existirmos, de continuar a existir, não falo de mim, claro, Pelo andar que levamos, não sei até quando e onde existiremos, Em todo o caso, você tem de reconhecer que estamos muito à frente da Alemanha, aqui é a própria palavra da Igreja a estabelecer, mais do que parentescos, identificações, nem sequer precisávamos de receber o Salazar de presente, somos nós o próprio Cristo.¹⁷

O regime autoritário exerce uma influência avassaladora sobre as pessoas, fazendo com que elas ignorem seus interesses pessoais, anulem-se diante do que é dito ser o bem comum, transfiram para o chefe o poder de decisão e a responsabilidade de guiar a nação. Isso leva-nos a refletir sobre o que diz Ernst Cassirer:

É muito mais fácil depender dos outros do que pensar, julgar e decidir por nós mesmos. Isso explica o fato de que tanto na vida particular como na vida política a liberdade é tantas vezes considerada mais um encargo do que um privilégio. Sob condições extremamente difíceis o homem tenta libertar-se do encargo. Os novos partidos políticos prometem, pelo menos, uma fuga ao dilema. Suprimem e destroem o próprio sentido da liberdade; mas, em compensação, libertam o homem de qualquer responsabilidade.¹⁸

¹⁶ SARAMAGO, 1988. p. 278.

¹⁷ SARAMAGO, 1988. p. 281-282.

¹⁸ CASSIRER, 1976. p. 306.

De um lado o Estado oferece a imagem de um homem austero, conservador, solitário; por sua vez a Igreja o vê como um *messias*, propagador da fé cristã, mitificando-o, fornecendo assim ao povo elementos para que se crie no inconsciente coletivo a imagem de *Pai protetor*, de *Salvador*. Esse mecanismo – Deus – Pátria – Família – reforça a base ideológica de todo o regime autoritário. A Igreja e o Estado, portanto, mutuamente se auxiliam, pois aquela vê neste a possibilidade de aumentar e assegurar o seu rebanho e este a vê como instrumento controlador daquilo que escapa às demais formas de controle social, impedindo as pessoas de adquirirem consciência de suas reais condições de vida, incutindo-lhes a resignação e a obediência. A Igreja, como bem percebe Lúcia, “não luta pelos miseráveis pois se estivesse do lado dos pobres, para os ajudar na terra, os mesmos pobres seriam capazes de dar a vida por ela, para que ela não caísse no inferno, onde está”.¹⁹

O bispo de Leiria, incentivando as manifestações populares de compromisso religioso e ao mesmo tempo colaborando com a máquina publicitária do regime, sanciona, em 1930, o culto à *Nossa Senhora de Fátima*. Marcenda e Dr. Sampaio, representantes da burguesia coimbrã favorável ao regime, visitam o local ao lado de grandes romarias que buscam consolo e esperam milagres que nunca acontecem.

Mas haverá sempre no meio das classes dominadas pessoas capazes de perceber o mecanismo engendrado pelo poder político para manter a situação sob controle, e por perceber melhor certos aspectos da realidade, procuram transmitir sua visão aos demais, conscientizando-os e incitando-os a atitudes de rebeldia, de inconformismo e é isso que permite a mobilidade da História. No romance em questão, essa oposição será representada por Lúcia, pelo seu irmão Daniel e por outras pessoas que como eles representam os marginalizados, os esquecidos pela História oficial. Observemos os trechos abaixo. O primeiro demonstra a preocupação de Lúcia ao

¹⁹ SARAMAGO, 1988. p. 388.

saber que Ricardo Reis recebera uma contrafé para apresentar-se à PVDE e o segundo, o inconformismo do povo que, embora subjugado pelo poder opressor, aguarda esperançoso a queda do regime militar:

Dizem que foi chamado à polícia internacional, está alarmada a pobre rapariga, Fui, tenho aqui a contrafé, mas não há motivo para preocupações, deve ser qualquer coisa de papéis, Deus o ouça, que essa gente, pelo que tenho ouvido, não se pode esperar nada de bom, às coisas que o meu irmão me tem contado.²⁰

Ora, o teu irmão, nem preciso de ouvir falar o teu irmão para saber o que ele diz, Realmente, são duas pessoas muito diferentes, o senhor doutor e o meu irmão, Que diz ele afinal, Diz que os militares não ganharão porque vão ter todo o povo contra eles, Fica sabendo, Lídia, que o povo nunca está de um lado só, além disso, faz-me o favor de me dizeres o que é o povo, O povo é isto que eu sou, uma criada de servir que tem um irmão revolucionário e se deita com um senhor doutor contrário às revoluções, Quem é que te ensinou a dizer essas coisas, Quando abro a boca para falar, as palavras já estão formadas, é só deixá-las sair.²¹

Em Portugal a resistência a essa situação opressora nunca foi totalmente anulada, como nos relata José Paulo Netto:

Há que ressaltar que o fascismo português jamais contou com o mínimo consenso ativo da massa da população. Seu caráter reacionário e antipopular evidente não lhe permitiu enganar a classe operária urbana, que sempre foi o esteio da resistência democrática; nem o movimento sindical deixou-se prender na camisa-de-força da legislação corporativa fascista – a luta dentro e fora dos sindicatos oficiais nunca cessou.²²

Essa oposição latente foi reprimida durante quase 40 anos pela força avassaladora desse regime autoritário que a classe dominante

²⁰ SARAMAGO, 1988. p. 173.

²¹ SARAMAGO, 1988. p. 375.

²² NETTO, 1986. p. 23.

conseguiu impor ao país através das mais sutis e enganosas estratégias. Atentemos, assim, para o alerta de Cassirer:

Quando ouvimos pela primeira vez falar de mitos políticos achamo-los tão absurdos e incongruentes, tão fantásticos e idiotas, que dificilmente os tomaríamos a sério. Mas agora todos nós reconhecemos que cometíamos um erro. Não devemos repeti-lo. Devemos estudar cuidadosamente a origem, a estrutura, os métodos e as técnicas dos mitos políticos. Devemos olhar o adversário bem de frente a fim de saber como derrotá-lo.²³

O salazarismo incutiu na sociedade portuguesa que ele possuía uma grande missão histórica a cumprir: concretizar todo aquele passado épico que emanava do mito do sebastianismo, a conquista das colônias africanas, a formação da *Comunidade Lusíada* com a preservação de todas as raças e credos. E segundo Maria Luísa de Almeida Paschkes, “o regime justamente cai quando o mito é desvendado: na África havia o extermínio das diferentes raças e credos, não uma política de assimilação”.²⁴

Pelo exposto, podemos concluir que o mito não é uma fantasia artística, uma ficção, mas uma força que domina o mundo e o destino dos homens para melhor ou para pior. O mito auxilia o homem na compreensão do mundo e de si próprio. Tudo que sonhamos ou desejamos situa-se inicialmente no campo da imaginação, nos pressupostos míticos. Apenas faz-se mister a reflexão, a crítica racional para que possamos neutralizar e combater os mitos que nos levem à desumanização, que são prejudiciais ao homem por ofuscarem a visão da realidade. É necessário que conheçamos o seu poder para que não sejamos tragados por ele.

²³ CASSIRER, 1976. p. 314.

²⁴ PASCHKES, 1985. p. 86.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 8. ed. Trad. Rita Buoggermino e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

_____. Mudar o próprio objeto. In: *Atualidade do mito*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CASSIRER, Ernst. *O mito do Estado*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

MACHOVER, Jacobo. Ricardo Reis, hétéronyme. *Magazine Littéraire*, n. 261, 1989, p. 62.

NETTO, José Paulo. *Portugal: do fascismo à revolução*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

PALÁCIOS, Ariel; PAOLI, Miriam. Ex-assessor elogia Goebbels e critica Goering. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 15, 10 nov. 1997.

PASCHKES, Maria Luísa de Almeida. *A Ditadura Salazarista*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção – Tudo é história, n. 106)

PATAI, Raphael. *O mito e o homem moderno*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 99.

RAMNOUX, Clémence. Mitológica do tempo presente. In: LUCCIONI, G. et. alii. *Atualidade do mito*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 25.

RUTHVEN, K. K. *O Mito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997. p. 93.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 17. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1995. (Coleção Saber)

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Resumo

Considerando que a tônica do romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de José Saramago é o ano da morte – 1936 – período marcado por movimentos sociais conturbadores, em que se prepara a Segunda Grande Guerra e o nazi-facismo se espalha pela Europa, direcionamos o nosso foco de atenção para a figura de Salazar. Analisamos a desconstrução desse mito político tendo como embasamento teórico os conceitos desenvolvidos por Ernst Cassirer em *O Mito do Estado*. Apesar de todos esses fatos serem abordados por Saramago, não se trata de um romance histórico no sentido tradicional, mas sim de uma nova maneira de revisitar o passado de um modo crítico e sob a ótica do presente, sem perder o seu estatuto de arte.

Résumé

En considérant que la tonique du roman *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, c'est l'année de la mort – 1936 – une période marquée par des mouvements sociaux bouleversants, où on prépare la II Guerre Mondiale et le nazi-fascisme se répand par toute l'Europe, nous dirigeons notre foyer d'attention sur la figure de Salazar. On analyse déconstruction de ce mythe politique tenant pour embasement théorique les concepts évolués par Ernst Cassirer, dans *Le Mythe de l'État*. Malgré tout ces faits être abordés par Saramago, il ne s'agit pas d'un roman historique dans le sens traditionnel, mais d'une nouvelle façon de revisiter le passé d'une manière critique et sur l'optique du présent, sans perdre son statut de l'art.